



**Centro Universitário de Brasília
Instituto CEUB de Pesquisa e Desenvolvimento - ICPD**

SISSA DE ASSIS PASSOS SILVA

**O TRABALHO INSTITUCIONAL DO PSICÓLOGO ESCOLAR
ITINERANTE: UM ESTUDO NA SEDF.**

Brasília
2017

SISSA DE ASSIS PASSOS SILVA

**O TRABALHO INSTITUCIONAL DO PSICÓLOGO ESCOLAR
ITINERANTE: UM ESTUDO NA SEDF.**

Trabalho apresentado ao Centro Universitário de Brasília (UniCEUB/ICPD) como pré-requisito para obtenção de Certificado de Conclusão de Curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em Psicopedagogia Institucional.

Orientadora: Prof^a. MSc. Raquel Santana

Brasília
2017

SISSA DE ASSIS PASSOS SILVA

O TRABALHO INSTITUCIONAL DO PSICÓLOGO ESCOLAR ITINERANTE: UM ESTUDO NA SEDF.

Trabalho apresentado ao Centro
Universitário de Brasília (UniCEUB/ICPD)
como pré-requisito para a obtenção de
Certificado de Conclusão de Curso de
Pós-graduação *Lato Sensu*.

Orientadora: Prof^a. Raquel Soares de
Santana/ Prof. MSC.

Brasília, 27 de Junho _____ de 2017.

Banca Examinadora

GILSON CIARALLO
Prof. Dr. Nome completo

GEANE SILVA
Prof. Dr. Nome completo

Dedico esse trabalho a todos os psicólogos itinerantes da
Secretaria de Estado de Educação do DF que buscam
sempre priorizar o trabalho coletivo e o empoderamento
dos estudantes e educadores, mesmo diante dos desafios.

AGRADECIMENTO(S)

Agradeço primeiramente a Deus, grande realizador de todos os meus sonhos e objetivos. À minha mãe pelo apoio e suporte em tudo que realizo.

Minha querida orientadora Raquel pela paciência, presteza e preciosas dicas.

A todos os professores do curso de Psicopedagogia Institucional, especialmente Luiza e Geane pelos valiosos ensinamentos.

E aos queridos psicólogos que participaram da pesquisa, os quais foram escolhidos por serem meus exemplos de atuação comprometida com a missão de psicólogo escolar.

Obrigada de coração a todos!

“Conheça todas as teorias, domine todas as técnicas, mas ao tocar uma alma humana, seja apenas outra alma humana” (Carl Gustav Jung).

RESUMO

O presente trabalho teve como proposta a análise da dinâmica de trabalho dos Psicólogos Escolares Itinerantes das Equipes Especializadas de Apoio à Aprendizagem/SEDF, visto que muitos profissionais atuam em mais de duas escolas devido ao baixo quantitativo de profissionais dessa área na educação. Os principais objetivos foram conhecer como os profissionais se organizavam para atender às demandas das escolas, entender as diferentes concepções práticas e teóricas que fundamentavam as atuações dos psicólogos e compreender o que eles identificavam como desafios e potencialidades na itinerância. Foi discutido sobre o trabalho do psicólogo institucional escolar, as contribuições da psicopedagogia institucional escolar e a respeito do trabalho da EEAA/SEDF e da itinerância dentro dessa atuação. O embasamento teórico foi realizado a partir da perspectiva histórico cultural de Vygotski- principal referencial da Orientação Pedagógica que rege o trabalho da EEAA- e de pesquisadores que estudam o contexto da Psicologia Escolar como Claisy Maria Marinho e Leonardo Nunes (2010). Foram realizadas entrevistas semiestruturadas e observações da atuação de três psicólogos escolares itinerantes, um deles com atuação em quatro escolas e duas psicólogas responsáveis por três instituições de ensino. Eles trouxeram em suas falas diferentes concepções a respeito da itinerância e do papel do psicólogo escolar como um mediador, levantaram importantes questões a respeito dos paradoxos da itinerância, como sendo algo desafiador para a atuação institucional e ao mesmo tempo como facilitador de encontros e contatos com diferentes formas de intervir no contexto educacional.

Palavras-chave: Psicólogo Escolar. Itinerância. EEAA/SEDF. Atuação Institucional.

ABSTRACT

The present work has the purpose of analyzing the work dynamics of the Itinerant School Psychologists of the Specialized Learning Support Teams / SEDF, since many professionals work in more than two schools due to the low number of professionals in this area in education. The main objectives were to know how the professionals were organized to answer the demands of the schools, to understand the different practical and theoretical conceptions that underpinned the actions of psychologists and to understand what they identified as challenges and potentialities in roaming. It was discussed the work of the school institutional psychologist, the contributions of the school institutional psychoeducation and about the work of the EEAA / SEDF and the roaming within that performance. The theoretical basis was based on the historical cultural perspective of Vygotsk - main reference of the Pedagogical Guidance that rules the work of the EEAA - and of researchers who study the context of School Psychology as Claisy Maria Marinho and Leonardo Nunes. Were conducted semistructured interviews and observations by three itinerant school psychologists, one of them working in four schools and two psychologists responsible for three educational institutions. They brought different views on roaming and the role of the school's psychologist as a mediator, raised important questions about the paradoxes of roaming, as a challenge for institutional performance and at the same time as a facilitator of encounter and contacts with different ways of intervening in the educational context.

Key words: School's Psychologist. Roaming. EEAA/SEDF. Institucional Performance.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1 PSICÓLOGO INSTITUCIONAL ESCOLAR	12
2 PSICOPEDAGOGIA INSTITUCIONAL ESCOLAR	15
3 EQUIPE ESPECIALIZADA DE APOIO À APRENDIZAGEM E O TRABALHO ITINERANTE NA SEDF	18
4 CAMINHOS METODÓLOGICOS	21
5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	24
CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS	43
APÊNDICE A Perguntas das entrevistas	46
ANEXO A Modelo do Termo de Consentimento livre e esclarecido	47

INTRODUÇÃO

As Equipes Especializadas de Apoio à Aprendizagem da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal são compostas por um pedagogo e um psicólogo. O trabalho, de acordo com a Orientação Pedagógica, Brasil (2010) do serviço, visa uma atuação institucional com foco no mapeamento da instituição de ensino, assessoria ao trabalho coletivo e acompanhamento do processo de ensino e aprendizagem.

A Secretaria conta com um número reduzido de profissionais de Psicologia e muitos deles realizam um trabalho itinerante, com atuação em três ou mais escolas. Nesse sentido, o questionamento que deu origem à problemática da pesquisa foi o seguinte: Como é realizado o trabalho do psicólogo escolar itinerante, dentro dos desafios e possibilidades exitosas desse tipo de atuação?

Sou psicóloga itinerante, com exercício em quatro escolas e sempre me questionei como seria trabalhar em apenas uma instituição. Como seria a formação de vínculo? Quais as possibilidades de intervenção?

Na itinerância, há a possibilidade de conhecer contextos de atuação diferentes, outras concepções e visões acerca de ensino, aprendizagem e avaliação. Geralmente, o profissional vai uma vez por semana em cada escola, ou apenas em um turno, a depender do quantitativo de escolas pelas quais ele é responsável.

Há muitos desafios no que diz respeito às relações, mas consegui formar vínculos significativos e parcerias no contexto escolar, mesmo sem a frequência diária.

Levando-se em consideração o estudo das orientações que regem o serviço é possível perceber que não são mencionados os desafios do trabalho itinerante do psicólogo escolar na SEDF, há poucos trabalhos que proporcionam um espaço de escuta a esse profissional.

Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivo geral analisar o trabalho do psicólogo escolar da EEAA da SEDF no que diz respeito aos desafios e possibilidades exitosas do trabalho itinerante.

Os objetivos específicos são o de conhecer a maneira que alguns profissionais encontram de atuar na perspectiva institucional e como se organizam,

mesmo diante dos desafios mencionados, analisar quais suas concepções acerca do tema e compreender a respeito das dificuldades e potencialidades do serviço sob a ótica do próprio psicólogo.

Como profissional itinerante, sinto falta de reflexões sobre esse assunto no campo acadêmico.

A perspectiva histórico-cultural fundamenta o trabalho da Equipe Especializada de Apoio à Aprendizagem da SEDF, diante disso, é possível refletir sobre como a itinerância se encaixa nessa proposta teórica de trabalho institucional. É importante mencionar que as Equipes Especializadas de Apoio à Aprendizagem (EEAA) fazem parte de um serviço mais amplo, o Serviço Especializado de Apoio à Aprendizagem (SEAA), o qual contempla também às Salas de Apoio à Aprendizagem, no entanto, o termo EEAA será utilizado no presente trabalho por ele se referir somente ao trabalho das equipes.

Como já mencionado anteriormente, os principais eixos de atuação do trabalho da equipe são o mapeamento institucional, a assessoria ao trabalho coletivo e o acompanhamento do processo de ensino e aprendizagem, de maneira resumida, o mapeamento possui o objetivo de proporcionar um conhecimento mais aprofundado do profissional acerca da instituição de ensino, por sua vez, a assessoria ao trabalho coletivo consiste na participação sistemática do profissional nas atividades escolares, tais como conselhos de classe, formações continuadas, reuniões, coordenações pedagógicas, entre outras. E o acompanhamento do processo de ensino e aprendizagem diz respeito às reflexões acerca das concepções filosóficas de ensino, realizadas em conjunto com todos os atores da instituição (BRASIL, 2010).

Como essas atribuições podem ser desempenhadas na perspectiva itinerante? Quais as possibilidades?

Para alcançar os objetivos, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com três psicólogos escolares itinerantes da SEDF e observações nos seus contextos de atuação. Foram necessários dois encontros de observação com cada profissional e mais dois de entrevistas semiestruturadas com cada um, com exceção de uma psicóloga, com a qual ocorreram três momentos para a realização das entrevistas.

Espera-se demonstrar com este estudo a importância da escuta do profissional itinerante sobre as representações e concepções acerca de sua própria atuação. O presente trabalho foi então estruturado em 05 capítulos.

No primeiro capítulo, apresenta-se a atuação do psicólogo institucional escolar, o segundo capítulo proporciona uma análise a respeito da psicopedagogia escolar, no terceiro capítulo, há uma reflexão sobre o que é a Equipe EEAA e a possibilidade do trabalho itinerante. O quarto capítulo descreve a metodologia utilizada na pesquisa e o quinto e último capítulo, a análise e discussão dos resultados das entrevistas.

1 PSICÓLOGO INSTITUCIONAL ESCOLAR

A Psicologia Escolar é um campo de atuação em constante transformação no Brasil, porém seu surgimento aconteceu de maneira simultânea ao desenvolvimento da própria Psicologia como ciência. O trabalho do psicólogo escolar encontrava-se atrelado ao aluno e aos fenômenos psíquicos, com um viés fortemente clínico. Hoje, esse profissional passa por mudanças significativas de paradigmas no que diz respeito à sua atuação, e seu foco de intervenção é a escola como um todo, com suas complexidades e dinâmica de funcionamento (ABAID; DIAS; PATIAS; 2014; NUNES, 2016).

O profissional da Psicologia Escolar deve promover constantemente um espaço de interlocução de saberes, de maneira que a abordagem interdisciplinar aconteça e todos os envolvidos no contexto escolar possam ser ouvidos, visto que uma atuação institucional não exclui a escuta sensível (GURGEL; MOLINA, 2013; BRASIL, 2010).

O psicólogo escolar não atua apenas na perspectiva da avaliação, sua ênfase é preventiva, seu foco de intervenção é o contexto escolar como um todo, trata-se, portanto, de uma atuação sistêmica, integral, holística e multidisciplinar. De acordo com Baró (1996) o psicólogo deve definir sua função de acordo com o contexto real do seu público alvo, as especificidades de cada realidade não podem se perder. Nesse sentido, o trabalho desse profissional objetiva um espaço de reflexão e intervenção que visa a ressignificação de possíveis lacunas e desafios da instituição de ensino. As concepções de ensino e aprendizagem dos atores do âmbito educacional são fundamentais para a compreensão do contexto escolar e para a desconstrução dos diagnósticos que rotulam e dificultam a compreensão da formação do aluno como sujeito.

Vigotski (2010) atrelou o estudo do desenvolvimento humano às relações e descreveu a formação do pensamento e da linguagem como atos de natureza social e não intrínsecos. A aprendizagem, dentro desse referencial, ocorre na complexidade das relações, aprendizagem e desenvolvimento são interdependentes.

Levando em consideração esse posicionamento teórico, o psicólogo escolar deve instrumentalizar o corpo docente com a concepção que

independentemente de questões orgânicas, emocionais ou comportamentais, o desenvolvimento e a aprendizagem não deixam de acontecer, mas a escola deve fornecer condições para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores. Esse profissional pode trazer à tona debates sobre potencialidades dos alunos e conseqüentemente questionar e desconstruir o uso do termo “fracasso escolar”. Expressão essa que se refere a todo e qualquer aluno que não se encaixa nos padrões normativos de comportamento ou de aprendizagem, termo inadequado que vai de encontro à perspectiva da inclusão, na qual a escola deve se adaptar às diferenças dos alunos e não o contrário (VIOTTO FILHO; 2007; PRESTES; 2012; VIGOTSKI, 2010).

Com a atribuição de desconstruir a ideia de fracasso escolar, o psicólogo que atua à luz da perspectiva histórico cultural refuta qualquer tipo de reducionismo ou determinismo, as explicações para o processo de ensino e aprendizagem, não se encontram, assim, apenas no aluno ou nas relações família-aluno/professor-aluno. A instituição escolar e os sujeitos inseridos nela são dimensões complexas e multifacetadas que se correlacionam (ALENCAR; FRANCISCHINI, 2011).

Esse tipo de pensamento contribui para um processo de exclusão e criação de estigmas, além da culpabilização de alunos, com uma intensa centralização das dificuldades de aprendizagem no próprio estudante. O psicólogo escolar deve reconhecer, portanto, seu papel político e ideológico com a finalidade de desconstruir algumas práticas associadas à sua intervenção, para que o foco individual se amplie para o espaço coletivo da escola, no qual todos os atores ali presentes sejam empoderados de suas contribuições na influência do desenvolvimento humano e do processo de ensino e aprendizagem. O caráter do seu trabalho institucional é preventivo e perpassa por todas as demandas da escola (ARAUJO; 2005; VIANA; 2016).

O papel do psicólogo escolar, como já citado na introdução do presente trabalho, visa o mapeamento institucional, a assessoria ao trabalho coletivo e o acompanhamento do processo de ensino e aprendizagem. O mapeamento institucional, de acordo com Brasil (2010), é uma análise complexa do ambiente escolar com o objetivo de conhecer as concepções de ensino e aprendizagem dos profissionais atuantes na escola, a maneira de funcionamento das relações e a influência das mesmas na realidade escolar, além de analisar as influências filosóficas e ideológicas que perpassam a instituição de ensino.

Seguindo as definições de Brasil (2010) a assessoria ao trabalho coletivo é realizada por meio de formações continuadas aos docentes, funcionários e equipe gestora com o objetivo de discutir e refletir acerca das diferentes concepções em prol da qualificação do ensino para os alunos. O psicólogo deve trazer temas como desenvolvimento humano, inclusão, afetividade, entre outros e garantir que esse espaço seja utilizado da melhor forma possível, porque essa é a perspectiva: instrumentalizar o coletivo da instituição de ensino para que haja uma maior compreensão de questões socioculturais e ideológicas que permeiam o contexto escolar.

No que concerne ao acompanhamento do processo de ensino e aprendizagem o foco de atuação passa a ser o movimento relacional entre professor e aluno e suas implicações, o psicólogo atua com a escuta ao professor e ao aluno, realiza observações sistemáticas do contexto escolar e proporciona momentos reflexivos também com as famílias (GURGEL; MOLINA; 2013).

Compreende-se, portanto, o trabalho do psicólogo escolar como algo que visa o coletivo sem ignorar os aspectos individuais. Sua função possui a complexidade inerente ao ambiente educacional, no qual, os atores presentes são todos responsáveis em facilitar o desenvolvimento humano. Sua atuação deve ir além dos rótulos, diagnósticos, queixas de comportamento e problemas familiares. Dessa forma, o psicólogo precisa se enxergar como participante ativo do processo de ensino e aprendizagem e responsável por auxiliar a construir uma escola verdadeiramente inclusiva.

2 PSICOPEDAGOGIA INSTITUCIONAL ESCOLAR

A Psicopedagogia Escolar se desenvolveu recentemente e assim como a Psicologia Escolar surgiu como resposta às demandas de crianças com dificuldades de aprendizagem, com centralização no aluno. Porém, seu campo de atuação se expandiu para a possibilidade do trabalho institucional, campo esse ainda em construção (BOSSA, 2009).

O psicopedagogo escolar não responde apenas por uma demanda específica da família ou do professor, pois seu trabalho não é unilateral, todos os aspectos que envolvem o processo de ensino e aprendizagem devem ser levados em consideração, o contexto escolar, os aspectos culturais de determinada comunidade, além das motivações afetivas e emocionais que perpassam o cotidiano de todo sujeito que aprende (BOSSA; 2011).

De acordo com Brenzan, Martins e Tanzawa (2011), o profissional dessa área atua com o corpo docente e com todos os envolvidos no processo educacional, sua abordagem deve ser interdisciplinar e abrange a organização de momentos de reflexão e formação continuada sobre a prática escolar, conhecimento da rotina dos profissionais com a finalidade de contribuir para a melhoria das demandas da instituição. Desconstrói assim a centralização do insucesso escolar no aluno ou em uma relação familiar de maneira linear. Pois o sujeito é concebido e ambientado em diversos contextos que formam seus aspectos subjetivos.

Levando em consideração esse trabalho interdisciplinar e institucional, a avaliação psicopedagógica deve ser um procedimento cujo produto final não se trata de um diagnóstico ou de contribuição para a cultura de medicalização da educação, fenômeno ainda muito presente em algumas instituições de ensino, no qual o olhar para determinada dificuldade ou inadequação é tratado como assunto meramente biológico, sem consideração dos aspectos contextuais, culturais e afetivos do sujeito que aprende. A avaliação, portanto, precisa ser um processo de formação e mediação, que abrange todo o contexto escolar, além das idiosincrasias do aluno. Cada sujeito possui um ritmo de desenvolvimento e aprendizagem, nesse sentido, o meio avaliativo que padroniza não é um recurso viável de intervenção, a avaliação psicopedagógica é um processo contínuo cujo objetivo deve se pautar sempre na

desconstrução de rótulos e da dita naturalização de fenômenos sociais. A finalidade não é avaliar um “problema”, mas enxergar possibilidades de atuação diferenciadas no processo de ensino e aprendizagem (COLLARES ; MOYSÉS; 1994; DESSEN ; POLONIA; 2007; GURGEL; 2010).

Ainda no que concerne à avaliação realizada pelo profissional da Psicopedagogia Institucional, Gurgel (2010) salienta que o mapeamento institucional, as formações continuadas e o acompanhamento do processo de ensino e aprendizagem também são instrumentos e não apenas entrevistas com as famílias ou testes psicopedagógicos, levando em consideração que a avaliação não é apenas direcionada ao estudante, mas sim a todos os envolvidos no desenvolvimento e aprendizagem do mesmo.

O mapeamento institucional se trata de um conhecimento aprofundado da unidade escolar por meio da escuta dos profissionais envolvidos na educação e dos alunos, além das participações em conselhos de classe e coordenações coletivas. A assessoria ao trabalho coletivo, por sua vez, é realizada por meio de formações continuadas com temas relativos a desenvolvimento humano e aprendizagem, com o objetivo de empoderar os educadores no processo de constante aprimoramento de conhecimento e habilidades. E o acompanhamento do processo de ensino e aprendizagem é a constante mediação e intervenção com os atores envolvidos no ensino: escola, família e alunos (BRASIL, 2010).

O mapeamento possui o objetivo de conhecer a instituição de ensino em seus aspectos físicos, horários de funcionamento, atividades realizadas, projetos desenvolvidos e análise documental de todos os regimentos da escola. As observações passam por todos os setores e profissionais da unidade de ensino, portaria, limpeza, cantina, professores, gestão escolar, monitoria, biblioteca, informática e alunos. Todos são participantes ativos do processo de ensino e aprendizagem. Observações, entrevistas e levantamento de dados por meio do estudo dos documentos são os principais procedimentos utilizados na primeira etapa do mapeamento institucional. Em um segundo momento, existe a análise dos resultados dessas observações e o mesmo é compartilhado com o grupo da escola, com a finalidade de promover melhorias e reflexões acerca das práticas, inclusive e principalmente do profissional responsável pelo mapeamento, o qual deve elaborar

seu plano de ação e intervenção de acordo com as necessidades institucionais demonstradas (ARAUJO ; ALMEIDA, 2005).

De acordo com Brasil (2010), a assessoria ao trabalho coletivo tem a finalidade de promover reflexões dos profissionais da educação a respeito de seus modos de atuar para ressignificar, analisar de maneira crítica e aprimorar as intervenções e saberes compartilhados no âmbito escolar. Dessa maneira, para realizar essa assessoria, o profissional precisa participar ativamente da elaboração e discussão da Proposta Pedagógica, dos momentos de formação continuada, coordenações coletivas, reunião de pais, festas e datas de celebração, além das oficinas e rodas de conversa com os professores e pais, sem esquecer-se de registrar todos esses momentos para acompanhamento do desenvolvimento do trabalho.

No que diz respeito ao acompanhamento do processo de ensino e aprendizagem, o objetivo é aperfeiçoar a atuação dos alunos para fortalecer a perspectiva de sucesso escolar. Esse acompanhamento acontece durante todo o ano letivo e não somente em um momento específico, e é realizado por meio da observação sistemática do funcionamento da sala de aula e dos outros espaços escolares, análise das produções dos estudantes junto ao professor e conhecimento das diferentes concepções de ensino, aprendizagem e desenvolvimento dos docentes para entender como isso traz impacto no funcionamento pedagógico (BRASIL, 2010).

A especialização em Psicopedagogia Institucional é de grande auxílio para a atuação do psicólogo escolar, pois é possível conhecer a interface entre Psicologia e Educação e as possibilidades pedagógicas de intervenção do profissional da Psicologia, além do fato de que a dinamicidade do trabalho do psicólogo escolar exige formação continuada e um repensar constante de suas práticas. O trabalho institucional escolar visa o pedagógico, o coletivo e a complexidade das relações.

3 EQUIPE ESPECIALIZADA DE APOIO À APRENDIZAGEM (EEAA) E O TRABALHO ITINERANTE NA SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO DO DISTRITO FEDERAL (SEDF)

A Equipe Especializada de Apoio à Aprendizagem –que faz parte do Serviço Especializado de Apoio à Aprendizagem- se trata de um serviço exclusivo da Secretaria de Educação do DF que atua com o objetivo de promover apoio e suporte educacional especializado às unidades de ensino. Em 2010 foi publicada a Orientação Pedagógica que embasa atualmente esse serviço, com um foco preventivo e interventivo que visa o trabalho institucional. Um dos referenciais teóricos é a perspectiva histórico cultural, com foco nas relações institucionais. Dessa maneira, as intervenções não são centradas no aluno e sim em toda contextualização histórica e interpessoal do processo de ensino e aprendizagem. Por meio desse embasamento teórico é possível entender que cada aluno possui seu próprio ritmo para aprender e que conceitos como maturidade, desenvolvimento, ensino, aprendizagem e sucesso/fracasso escolar devem ser tratados em suas bases históricas, culturais e sociais e não meramente cognitivas e orgânicas (BRASIL, 2010).

Cada Equipe Especializada de Apoio à Aprendizagem da SEDF deve contar com um pedagogo e um psicólogo, esse serviço possui a finalidade de promover o aprimoramento do processo de ensino e aprendizagem com atuações de foco institucional, preventivo e de intervenção. A meta é ajudar a fortalecer a ideia de sucesso escolar de todos os alunos, com necessidades educacionais especiais ou não. As perspectivas institucionais, preventivas e interventivas convidam todos os personagens da escola a compartilharem a responsabilização pela apropriação de conhecimentos dos alunos. As três principais dimensões desse trabalho são o mapeamento institucional, a assessoria ao trabalho coletivo e o acompanhamento do processo de ensino e aprendizagem, -termos definidos nos capítulos anteriores do presente trabalho- (BRASIL, 2010; GURGEL ; MOLINA; 2013).

O psicólogo e o pedagogo precisam dialogar constantemente com todos os profissionais da instituição de ensino para que as relações entre

desenvolvimento, ensino e aprendizagem sejam compreendidas naquele contexto e para que as práticas possam ser repensadas em conjunto. O trabalho é realizado dentro dos níveis do Paique-Procedimentos de Avaliação e Intervenção das Queixas Escolares e Níveis de Intervenção, o qual salienta que uma determinada queixa acerca de dificuldade de aprendizagem deve perpassar primeiramente por uma intervenção no nível Escola, com análise documental e desenvolvimento de novas estratégias de atuação frente às dificuldades apresentadas pelo aluno, o nível Família é o segundo eixo, realizado com o intuito de apoiar os familiares dos estudantes e convidar a comunidade a participar dos projetos da escola, e o nível Aluno, pois, entende-se que determinada dificuldade não deve ser tratada como hipótese diagnóstica, a avaliação nesse caso é realizada somente depois das intervenções mencionadas anteriormente, em muitos casos, ela nem se faz necessária. Importante salientar que as fases são contínuas e interdependentes (BRASIL, 2010; GURGEL ; MOLINA; 2013; NUNES, 2016).

Dentre os projetos que são organizados pela equipe, está a escola da família, cujo objetivo é integrar a comunidade com a escola, com contribuições e reflexões que permeiam o cotidiano dos alunos, temas como afetividade, rotina, mudança de hábitos, desenvolvimento como um todo são oferecidos, mas sem uma caracterização de palestra, todos podem participar e levantar reflexões, visto que as famílias também são educadoras e personagens do processo de ensino e aprendizagem.

O psicólogo da EEAA, assim como em todos os seus contextos de atuação passa por indagações quanto ao seu papel, principalmente pelo histórico fortemente clínico da profissão. Existe ainda uma expectativa de atendimento individualizado com objetivos centrados no aluno, porém, esse profissional tem lutado para desconstruir esse viés. O psicólogo escolar da equipe precisa ser um sujeito atuante no contexto educacional com objetivo de ressignificar as representações de desenvolvimento e aprendizagem concebidas na escola (BRASIL, 2010). A Orientação Pedagógica não faz ressalva nesse parágrafo em relação ao itinerante, não responde como esse profissional pode se tornar atuante e efetivo na instituição de ensino, mesmo sem a presença diária.

A atribuição desse profissional também envolve a escuta sensível dos pais e alunos, atuação em consonância com os movimentos sociais, investimento

em formação continuada para constante aprimoramento de suas práticas e fundamentação teórica, fortalecimento do compromisso social de empoderar alunos como formadores de opinião e não apenas meros reprodutores de conteúdo e disseminação de seus conhecimentos no intuito de instrumentalizar os personagens do contexto escolar (BRASIL, 2010; NUNES; 2016).

No que concerne à avaliação psicopedagógica, realizada pela EEAA, é possível afirmar que houve mudanças significativas no processo ao longo do tempo, visto que no início da atuação, o foco do trabalho era justamente avaliar. Não havia uma perspectiva institucional. Atualmente a avaliação deve ser realizada como um processo formativo e preventivo. Os instrumentos padronizados, como os testes, ainda são tratados como principais meios de avaliar, o que é uma concepção equivocada dentro da abordagem histórico cultural, a qual salienta que todo sujeito tem seu tempo e ritmo de desenvolvimento, logo, as tentativas de quantificação do saber são inapropriadas dentro dessa vertente de atuação. A avaliação não pode ser realizada em dois ou três encontros, pois é necessária uma formação de vínculo com o sujeito avaliado, além de observações sistemáticas do estudante no contexto escolar (GURGEL; 2010; OLIVEIRA; 1999).

Mesmo com desafios importantes, o trabalho do psicólogo dentro da equipe e da escola tem sido reconhecido como uma prática relevante, alguns psicólogos estão assumindo as coordenações intermediárias da EEAA em suas respectivas regionais e estão se engajando politicamente na busca de seus objetivos como categoria da educação. De acordo com a portaria 30 de 2013, o psicólogo respondia pelo quantitativo de alunos, (até 1500), portanto poderia trabalhar em até mais de quatro unidades de ensino, a depender da quantidade de estudantes de cada uma, no entanto, a portaria 445 de 2016, inciso primeiro do artigo 69, salienta que o psicólogo atuará em até três escolas. Ainda que seja um quantitativo grande, a nova portaria é uma importante conquista que representa a luta desse profissional para realizar um trabalho institucional.

4 CAMINHOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa é fruto de uma reflexão acerca do trabalho itinerante do psicólogo na SEDF e de como ele se desenvolve na perspectiva institucional.

De acordo com os objetivos optou-se por pesquisa pautada no viés qualitativo e foram realizadas entrevistas semiestruturadas com três psicólogos da Equipe Especializada de Apoio à Aprendizagem da SEDF, além de observações de suas intervenções nas respectivas instituições de ensino, os mesmos foram devidamente informados acerca dos procedimentos para a realização da pesquisa, com as assinaturas dos termos de consentimento livres e esclarecidos, cujo modelo encontra-se no Anexo A.

A entrevista semiestruturada encontra-se no Apêndice A. Os materiais utilizados foram gravador, caderno de campo para anotações das observações e conversas informais, lápis e caneta.

Foram selecionados para participar da pesquisa três psicólogos itinerantes. A Orientação Pedagógica (OP) que rege o trabalho das equipes visa uma intervenção pautada na atuação institucional, com foco nas relações e nas formações, esses profissionais foram escolhidos por compreenderem seu trabalho nessa concepção defendida pela OP. Ainda há profissionais na SEDF que estão em processo de compreensão dessa abordagem e ainda atuam no modelo avaliativo de intervenção dificultando assim sua participação nesse trabalho, por esse não ser o foco da pesquisa.

Os profissionais se chamam: Paulo¹, Ana Maria e Camila. Paulo atende quatro escolas, três de origem urbana e uma rural, todas da Regional de Sobradinho- DF, Ana Maria contempla três escolas com sua atuação, uma urbana e duas rurais e Camila atende três escolas, duas urbanas e uma rural. Todas as escolas dos profissionais são de educação infantil e ensino fundamental- anos iniciais.

Paulo tem 32 anos de idade, atua na Secretaria de Educação desde julho de 2014, tem dois anos e meio de SEDF e essa foi sua primeira experiência como psicólogo escolar, já havia atuado em clínicas e recursos humanos. Suas escolas dividem-se da seguinte maneira: Uma de educação infantil e três de anos iniciais.

¹ Os nomes são fictícios, para preservar as identidades dos profissionais.

Escola X-Anos iniciais: 556 estudantes e 22 turmas.

Escola Y- Anos Iniciais: 378 alunos e 16 turmas.

Escola Z- Anos Iniciais: 92 estudantes e 08 turmas.

Escola de Educação Infantil: 174 estudantes e 08 turmas.

Ana Maria tem 28 anos de idade, atuante na Secretaria desde setembro de 2014 com dois anos de trabalho na SEDF e já havia trabalhado no contexto hospitalar, mas não em escolas. Atende duas escolas de séries iniciais e uma de anos finais com iniciais, sendo que fica responsável somente pelos estudantes de anos iniciais.

A escola A: 85 alunos e 05 turmas, escola B 14 turmas e 260 estudantes, escola C com 827 e 32 turmas, mas sua atuação compreende apenas os anos iniciais com 12 turmas e 300 alunos. Sua maior dificuldade é em relação à escola C, devido à grande distância da sua moradia, o transporte é de responsabilidade da profissional.

Camila, por sua vez, tem 32 anos de idade e exerce a função de psicóloga escolar na SEDF desde 2012-quatro anos e meio de atuação na Secretaria-, com experiências nas áreas da saúde e clínica. Atende duas escolas de anos iniciais e uma terceira de anos finais e iniciais, situação igual a da profissional Ana Maria. Os quantitativos de suas escolas são os seguintes:

Escola 01- Anos Iniciais e Finais: 857 estudantes e 33 turmas, sendo que fica responsável por um universo de 300 alunos desse total, referentes às turmas de anos iniciais.

Escola 02- Anos Iniciais: 153 estudantes e 08 turmas.

Escola 03- Anos Iniciais: 653 estudantes e 37 turmas.

Segundo relato da profissional, em observação realizada no dia 31/03/2017, seu maior desafio é na escola 03, pelo grande quantitativo e pelo fato da escola não contar com o Serviço de Orientação Educacional, o que aumenta significativamente a demanda da equipe.

Os profissionais relatam que por muitas vezes precisam visitar duas escolas no mesmo dia, atuando no turno matutino em uma e no período vespertino em outra e nem sempre as unidades de ensino são próximas.

Foram realizados dois encontros de observação com cada profissional e mais dois de entrevistas semiestruturadas com cada um, com exceção da Camila, com a qual ocorreram três momentos para a realização das entrevistas.

As observações foram realizadas em duas escolas diferentes de cada um, em um turno inteiro. A escolha das escolas aconteceu de acordo com o cronograma dos profissionais.

As escolas de Paulo, nas quais foram realizados os trabalhos foram a X e Y, ambas de anos iniciais e urbanas, as da Ana Maria foram as escolas A e B, anos iniciais, uma rural e uma urbana, assim como Camila duas de anos iniciais, uma urbana e uma rural, as escolas 02 e 03.

O referencial teórico utilizado nas observações e nas entrevistas semiestruturadas baseou-se na Orientação Pedagógica da Equipe Especializada de Apoio à Aprendizagem da SEDF e na perspectiva histórico cultural da Psicologia Escolar.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O presente capítulo traz as informações coletadas nos procedimentos descritos na metodologia: as entrevistas semiestruturadas e as observações dos trabalhos de três psicólogos itinerantes da SEDF. A análise dos dados e discursos foi realizada a partir de cada questão de pesquisa, à luz dos três objetivos específicos, algumas análises apresentam mais subcategorias por terem sido recorrentes nas falas dos profissionais no decorrer das entrevistas e observações.

5.1 A organização para o atendimento às escolas- O trabalho coletivo e sua implicação nessa organização:

Nesse sentido, no que se refere à forma como cada profissional entrevistado se organiza dentro da proposta itinerante, é importante salientar que foi necessária a elaboração de um cronograma diferenciado para a realização do trabalho institucional. Sem diálogo com os profissionais da escola, sem formação de parcerias e vínculos e conhecimento do calendário da instituição torna-se inviável qualquer tentativa de estabelecer compromissos na unidade de ensino, visto que uma agenda não se baseia somente em datas, mas em atividades e intervenções que envolvem todos os atores daquele contexto.

Os psicólogos trouxeram diferentes formas de se organizar, porém complementares. Mencionaram que organizam suas atividades em comum acordo

com o pedagogo, parceiro de equipe e também pelas diferentes demandas das escolas.

Os profissionais informaram que além da parceria com o pedagogo para fechar o cronograma, também levaram em consideração o calendário das atividades escolares para escolher o melhor dia de atuação na instituição, por meio dos momentos coletivos, dos agendamentos prévios de acolhimento às famílias, alunos e corpo docente. Os psicólogos também buscaram priorizar, em termos de frequência, o atendimento às escolas que eles perceberam uma demanda maior de intervenções e mediações.

“A rotina é organizada conforme a demanda observada em conjunto com o pedagogo de cada escola para assim elaboração do cronograma” (ENTREVISTA SEMIESTURADA, PAULO, 09/03/2017). Os três psicólogos trouxeram elementos que demonstravam como eles se organizavam para atender as demandas das escolas. A assessoria ao trabalho dos professores foi estipulada em comum acordo com os pedagogos, mas também com os docentes, na ausência do parceiro de equipe. Os três profissionais enfatizaram nas observações que conseguiram desenvolver e organizar suas demandas mesmo quando os pedagogos não estavam na escola, mas que priorizavam os dias que eles estavam presentes para a realização do trabalho em equipe. Nesse sentido, os psicólogos informaram que conquistaram espaço para suas intervenções individuais.

O andamento satisfatório do trabalho da EEAA/SEDF depende muito da forma como a interação entre pedagogo e psicólogo acontece, pois quando os discursos e concepções estão alinhados, a possibilidade de organizar e aplicar as intervenções no contexto escolar é maior (GURGEL ; MOLINA, 2013).

Paulo mencionou na observação do dia 10/03/2017 que os cronogramas acabam sofrendo diversas alterações no decorrer do mês, devido à dinamicidade dos acontecimentos que permeiam o contexto escolar: “Muitas vezes mudo a agenda, devido à necessidade da minha presença em alguma intervenção específica, seja com estudantes, famílias ou docentes” (CADERNO DE CAMPO, OBSERVAÇÃO FEITA NO DIA 10/03/2017). Para melhor se organizar nesse sentido e não gerar conflitos de agenda, a alteração feita no cronograma é avisada em todas as escolas.

A forma de Ana Maria se organizar para atender as escolas também perpassa pela escuta ao pedagogo de cada unidade de ensino, mas a profissional traz também outros critérios para fechar seu cronograma mensal, como é possível analisar na fala a seguir:

“No início de cada mês, normalmente na primeira semana, eu sento com cada pedagoga que me acompanha. Estou com três escolas e três pedagogas diferentes. Eu monto a agenda com cada uma, já procurando prever no planejamento as datas de convocação de pais, de formação e de participação nas atividades coletivas da escola. Essa agenda é mais uma previsão, pois acaba sendo alterada ao longo do mês de acordo com as demandas. Ainda assim, tem sido uma ferramenta importante na organização da itinerância. Tento privilegiar na agenda a minha escola de lotação, pois é nela que está a direção que responde por mim (folha de ponto, frequência, avaliação de desempenho)” (ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA, ANA MARIA, 09/03/2017).

A profissional Camila explicou com detalhes os critérios da organização de sua rotina nas escolas, além de mencionar a participação nas coordenações coletivas:

“Monto um cronograma a cada mês. Primeiro distribuo uma quarta feira para cada escola, as quais ficam reservadas para participação nas coordenações coletivas ou para formações com os professores. Depois vou fazendo os ajustes semana a semana. Tento deixar mais ou menos dias fixos da semana para cada escola. Entretanto, como os dias de quarta são variáveis, acabo tendo que ajustar algumas coisas. Em reunião solicitada no início de 2016 por uma de minhas escolas, ficou acordado da seguinte maneira meu cronograma: 1 turno para minha escola menor, 2 turnos para a segunda escola e 4 turnos para escola maior, 1 turno para curso na EAPE e 2 de coordenação individual” (ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA, CAMILA, 20/03/2017).

Camila também se organiza pela demanda quantitativa das escolas, destinando mais períodos de atuação às escolas maiores e com mais necessidades de intervenção segundo avaliação da profissional e das pedagogas. Em observação realizada no dia 31/03/2017, a profissional revelou que sua maior escola é também a de maior demanda, devido à quantidade de estudantes com necessidades educacionais especiais e ao fato de não contar com o Serviço de Orientação Educacional, o que traz um aumento significativo nos desafios da equipe. Visto que esse serviço atua diretamente com as demandas de comportamento dos estudantes e muitas vezes realiza uma parceria importante com as Equipes Especializadas de Apoio à Aprendizagem.

Foi possível perceber nas observações realizadas que os três profissionais possuíam desafios importantes no que diz respeito ao acesso às escolas rurais, principalmente quando necessitaram atuar em duas escolas no

mesmo dia, em períodos diferentes. Os três informaram que, muitas vezes, eles precisaram sair bem mais cedo de casa para começar o trajeto.

A forma como os profissionais se organizaram demonstrou uma boa parceria com o pedagogo e um nível satisfatório de comunicação com os membros das escolas. Os psicólogos sinalizaram que as eventuais e possíveis mudanças de agenda são avisadas a eles, já que a mudança de cronograma do itinerante requer planejamento.

No entanto, existe a desvantagem da possibilidade de eventos importantes das escolas coincidirem no mesmo dia, como os casos de conselhos de classe e festas, os profissionais informaram nas observações que nesse tipo de situação, costumam priorizar a escola de lotação, mas sentem que o trabalho acaba ficando fragmentado nas outras unidades de ensino quando as coincidências de datas acontecem.

. A importância dos momentos coletivos na organização da rotina semanal dos profissionais itinerantes:

Camila trouxe na observação realizada no dia 27/03/2017 a importância da participação nas coordenações coletivas e formações, elementos fundamentais de assessoria ao trabalho coletivo, um dos eixos norteadores da atuação da equipe, como já explicitado nos capítulos anteriores.

O objetivo da assessoria ao trabalho coletivo é promover momentos de reflexão acerca da atuação e promover constantes avaliações para ressignificação do contexto escolar (BRASIL, 2010).

Os profissionais ressaltaram alguns elementos fundamentais da atuação institucional, pois salientaram a importância da participação nos momentos coletivos e de festividades das instituições de ensino. Atividades que fortalecem os vínculos e possibilitaram tornar o profissional verdadeiramente pertencente àquele contexto. Ana Maria preocupou-se em organizar sua agenda de acordo com os compromissos coletivos da escola, a reunião de pais também foi citada como um momento relevante. Importante reforçar que essas atividades aproximam o profissional da comunidade docente e discente.

Paulo informou na observação realizada no dia 09/03/2017 que costumava estar presente nos momentos coletivos, incluindo as confraternizações de todas as escolas, pois essas são grandes oportunidades de formação de vínculos e de observação da configuração das relações interpessoais.

Ana Maria, em observação feita no dia 31/03/2017, salientou que esses momentos são ricos em conteúdo afetivo, pois trazem vivências compartilhadas e diálogos que muitas vezes os profissionais itinerantes não têm a oportunidade de participar devido à sua ausência.

A Orientação Pedagógica caracteriza a participação em atividades coletivas e momentos festivos como altamente necessários ao bom desenvolvimento do trabalho da equipe, pois a atuação institucional é pautada pela observação da complexidade das relações e como elas interferem em todo o processo de ensino e aprendizagem, além da possibilidade da criação e fortalecimento de vínculos e parcerias (GURGEL ; MOLINA, 2013; BRASIL, 2010).

.A importância da formação continuada na organização do profissional itinerante:

Camila informou, na entrevista do dia 20/03/2017 que dedica um turno do seu cronograma semanal para formação continuada. Paulo e Ana Maria não mencionaram como se organizam nesse sentido.

A formação continuada é aspecto fundamental de aperfeiçoamento e constante aprimoramento das práticas e concepções dos profissionais que atuam na equipe, visto que o contexto escolar é dinâmico e o entendimento acerca do desenvolvimento humano é fundamentado por diferentes referenciais teóricos e práticos que divergindo ou não, propiciam reflexões acerca da própria atuação.

5.2- Concepções teóricas e práticas que norteiam os trabalhos dos psicólogos:

Os psicólogos trouxeram concepções que fundamentavam sua forma de atuar e conhecê-las foi o segundo objetivo de pesquisa. Os profissionais informaram sua compreensão de itinerância, dos desafios desse tipo de atuação dentro da proposta da OP e do que eles entendiam por Psicologia Escolar.

.Concepção sobre itinerância:

No que concerne à concepção a respeito da itinerância, tipo de atuação na qual o profissional atende mais de uma escola, sendo responsável pelo acolhimento de alunos e pelas intervenções com o corpo docente de todas as instituições, Paulo relatou: “Ela -a itinerância- prejudica o trabalho, seria interessante a atuação fixa para maior suporte às demandas da escola” (ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA, PAULO 10/03/2017). O profissional demonstrou uma preocupação com a continuidade e a qualidade do trabalho oferecido pelo psicólogo nas escolas.

Ana Maria e Camila, em observações realizadas nos dias 23/03 e 28/03 respectivamente, reforçaram que acreditavam que a itinerância dificultou o trabalho como um todo, justamente pela impossibilidade de observação diária do contexto escolar.

A itinerância dificulta o contato prolongado com o corpo docente e também com os estudantes, sendo que a observação das relações requer uma observação contínua e aprofundada com os atores da instituição, nas visões das profissionais.

.A formação de vínculos na itinerância

Em observação realizada no dia 10/03/2017, Paulo revelou que sua inquietação diante da itinerância não se dá apenas à impossibilidade de uma atuação mais efetiva, mas também à possível demora em estabelecer vínculos e parcerias. “Pela itinerância leva-se mais tempo para conquistar determinados espaços e ações, a formação de vínculos é possível, porém mais lenta” (CADERNO DE CAMPO, OBSERVAÇÃO REALIZADA NO DIA 10/03/2017). O espaço nas coletivas acaba por demorar um pouco mais para ser conquistado na itinerância, na visão do psicólogo.

Ana Maria salientou a respeito da formação de vínculos na itinerância, com uma concepção semelhante a que Paulo descreveu:

“É um desafio conseguir formar vínculos quando há pouco tempo para se investir. Gostaria de sentar com cada professor e dar a eles um tempo e escuta de qualidade, mas não consegui até hoje” (ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA, ANA MARIA, 09/03/2017).

Os vínculos estabelecidos nas escolas são de fundamental importância para a realização das atribuições da equipe, justamente porque o trabalho é pautado pela perspectiva histórico cultural, a qual trata as relações como pilares da aprendizagem e do desenvolvimento humano. Todo e qualquer aprendizado dentro de uma atuação institucional depende da qualidade das parcerias (BRASIL, 2010; NUNES, 2016; OLIVEIRA, 1999).

A profissional falou desse desafio e também explicou como costuma se organizar frente a essa questão:

“A organização do tempo na itinerância ainda é um desafio para mim. Quanto aos alunos, busco alguns momentos coletivos como as festas para me aproximar e conhecê-los, me esforço para gravar os nomes” (ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA, ANA MARIA, 09/03/2017). Mais uma vez, a profissional levantou a importância da sua participação nos momentos festivos das escolas, como um facilitador para formação e consolidação de vínculos, além de oportunizarem a observação dos estudantes em momentos de vivências lúdicas e coletivas.

Camila também trouxe contribuições sobre a formação de vínculos e parcerias dentro do contexto itinerante e salientou a respeito das cobranças que surgem dentro dessa perspectiva:

“Já passei por muitos problemas que atribuo a falta de compreensão sobre a itinerância, como cobrança de mais participação, desmarcação de compromissos agendados, dentre outros” (ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA, CAMILA, 20/03/2017). A profissional traz em seu discurso a importância de se manter os combinados previamente entre a equipe, seja de atendimentos, formações ou observações, pois a agenda do itinerante quando sofre uma alteração acaba por atingir todas as outras escolas, ela atribuiu essa falta de comunicação a uma possível incompreensão dos demais atores do contexto escolar acerca da itinerância, portanto, mais um desafio dessa forma de trabalho.

Camila ainda ressaltou uma importante conquista nesse sentido:

“Hoje avalio que melhorou muito e que esse tipo de dificuldade diminuiu, principalmente com o fortalecimento dos vínculos” (ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA, CAMILA, 20/03/2017). A profissional ressaltou que as escolas hoje costumam avisar a ela previamente os agendamentos e cronogramas

dos eventos das instituições, o que foi conquistado com o estabelecimento de parcerias e com uma boa relação com as pedagogas, demonstrando a força da equipe quando atua de maneira sincronizada. Em observação realizada no dia 28/03/2017 foi possível perceber a integração da profissional com o grupo de professores em uma coordenação coletiva, Camila mostrou que conhece os projetos da escola e que seu cronograma é levado em consideração no fechamento de algumas datas, como a abertura do projeto de leitura da instituição.

.Concepção dos psicólogos a respeito do papel dos protagonistas da educação:

O psicólogo Paulo trouxe contribuições a respeito da sua visão e expectativa sobre o papel dos educadores, incluindo a EEAA:

“Que os participantes da instituição sejam ativos no enfrentamento e superação das dificuldades encontradas pelos estudantes sem culpabilização da criança, de sua família ou da história do estudante” (ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA, PAULO, 13/03/2017).

Paulo trouxe em sua fala uma concepção de atuação que refuta a centralização das dificuldades de escolarização no estudante ou em seu histórico de vida e familiar. Nas duas observações referentes à sua atuação, realizadas nos dias 09/03 e 14/03, o profissional estava envolvido com formações e estudos com os docentes, demonstrando a importância que atribui ao aspecto da assessoria ao trabalho coletivo.

A pedagoga e o psicólogo Paulo, a pedido da gestão em comum acordo com a equipe, organizaram uma formação sobre afetividade em sala de aula e os discursos mostraram-se alinhados, com concepções semelhantes. Ambos entendiam afetividade como um fator essencial ao processo de ensino e aprendizagem, com a compreensão de que ela vai além de uma atitude amável, mas de que se trata da habilidade de enxergar as potencialidades do estudante e enaltecê-las e de se preocupar verdadeiramente com o que o aluno pensa e sente.

Boa parte das queixas dos professores e dos encaminhamentos realizados para a equipe diz respeito às crianças com alguma dificuldade de aprendizagem, seja no processo de leitura e escrita, raciocínio lógico matemático,

linguagem ou atividades psicomotoras. Em todos os casos faz-se necessário que os profissionais da EEAA tenham uma visão integrada a respeito da complexidade do processo de ensino e aprendizagem. De modo que a dinâmica referente à determinada dificuldade seja considerada como um todo. Alguns modelos de avaliação puramente diagnósticos acabam por culpabilizar o estudante ou seu contexto familiar, sem que a intervenção da própria instituição seja avaliada. Nesse sentido, a perspectiva histórico cultural refuta essa prática de centralização no indivíduo e estuda a complexidade das relações e seus impactos políticos e ideológicos tanto no ambiente escolar como na aprendizagem do aluno (ARAUJO, 2010; GURGEL ; MOLINA, 2013; BRASIL, 2010).

.Concepção acerca da função do psicólogo escolar:

Os profissionais, durante as entrevistas e observações, mostraram suas concepções a respeito do papel do psicólogo dentro da proposta institucional.

“Creio que o papel do psicólogo escolar seja o de mobilizar, empoderar e apoiar os profissionais e instituições da educação para favorecer o sucesso escolar e o desenvolvimento humano” (ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA, PAULO, 13/03/2017).

O psicólogo escolar pode e deve ajudar a desconstruir os rótulos que permeiam o contexto educacional, rótulos que limitam e reduzem as crianças. Preguiça, incapacidade, desinteresse ou imaturidade são alguns dos termos que muitas vezes mascaram toda uma historicidade de falhas no longo e complexo processo de ensino e aprendizagem no qual a mera reprodução de conteúdos é hipervalorizada e o potencial questionador do sujeito que aprende não é estimulado. O psicólogo escolar não deve centralizar suas práticas no indivíduo, o que pode ocasionar a descaracterização do papel político e social do profissional frente às questões socioculturais do ambiente educacional (DAZZANI, 2010; GURGEL ; MOLINA, 2013).

Camila, por sua vez, em observação anotada no caderno de campo, informou que acredita que o papel do psicólogo escolar perpassa por todos os setores e atores da instituição de ensino, visando o trabalho coletivo, como na fala a seguir:

“O psicólogo trabalha auxiliando a conscientização dos atores escolares, ajudando a dar clareza aos processos e decisões, dando intencionalidade para cada ação” (CAMILA, CADERNO DE CAMPO, OBSERVAÇÃO DO DIA 31/03/2017).

A profissional Ana Maria também trouxe falas durante as observações e entrevistas referentes às suas concepções sobre o papel do psicólogo escolar:

“O psicólogo escolar é uma ponte. Ele deve facilitar caminhos de comunicação, ele deve ser um facilitador para os processos de desenvolvimento humano dentro da escola” (ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA, ANA MARIA, 27/03/2017).

Ainda sobre essa temática, Ana Maria reforçou:

Acho engraçado ter utilizado a metáfora de “uma ponte”. Esta deveria permanecer no mesmo lugar facilitando o acesso, as idas e vindas, a fluidez, protegendo a passagem de quem transita. Uma ponte não deveria ser mudada de lugar o tempo inteiro. Por isso, vejo que o papel do psicólogo escolar é um desafio diário e a itinerância potencializa este desafio. Acredito que se ela é de fato necessária, seria mais fácil desempenhar as propostas da OP com qualidade com no máximo duas escolas e com menor quantitativo de alunos (ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA, 27/03/2017).

Ana Maria falou do papel do psicólogo escolar como o de um facilitador para tudo que promova desenvolvimento, na comunicação, no fortalecimento de vínculos e papéis e também no empoderamento dos estudantes e educadores. Para isso utilizou a metáfora de uma ponte, daquela que conduz e leva de um caminho a outro de maneira mais segura. Sua angústia encontrou-se justamente nesse ponto, como ser uma ponte que continuamente muda de trajeto? Seu modelo ideal de atuação seria de no máximo duas escolas por profissional para realizar um trabalho condizente com o que ela acredita ser o de Psicologia Escolar.

. As dificuldades na atuação do psicólogo itinerante nas dimensões da OP:

Ana Maria salientou a respeito do trabalho desenvolvido dentro da proposta da Orientação Pedagógica e fez uma crítica em relação à forma como ele se concretiza dentro da atuação do itinerante:

“Não consigo atuar com eficácia em todas as dimensões da OP porque para isso, deveria conhecer a escola e sua dinâmica de forma mais profunda. O fato de não estar lá todos os dias me distancia de muitas questões” (ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA, ANA MARIA, 27/03/2017). Segundo Brasil (2010), as três

dimensões de trabalho da equipe são o mapeamento institucional, a assessoria ao trabalho coletivo e o acompanhamento do processo de ensino e aprendizagem, termos definidos em capítulos anteriores. Esses três eixos exigem do profissional um conhecimento aprofundado da instituição, além da parceria constante com os atores da escola, visando uma mediação e intervenção complexa e multifacetada.

A profissional Camila compartilhou da angústia de Ana Maria no que concerne aos eixos propostos pela OP:

“O trabalho itinerante dificulta muito trabalhar conforme a proposta da OP. Consigo aplicar essa proposta naquelas escolas que estou há mais tempo, no segundo ou terceiro ano de trabalho na mesma Instituição de Ensino” (ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA, CAMILA, 31/03/2017). Camila reforçou a importância de se conhecer o contexto escolar há mais tempo para a realização de um trabalho institucional.

Paulo informou que na sua concepção realizar o trabalho de acordo com a proposta da OP é possível, porém mais desafiador no sentido de tempo e conquista de parcerias (CADERNO DE CAMPO, OBSERVAÇÃO REALIZADA NO DIA 14/03/2017).

Esse conhecimento sistemático leva mais tempo com a itinerância, pois requer uma continuidade que nesse tipo de atuação nem sempre é possível ou adequada. Isso não quer dizer que a itinerância inviabiliza totalmente o trabalho dentro da descrição da OP, os profissionais mostraram em seus discursos e nas observações que valorizam as formações, participações nas coordenações coletivas e não atuam de maneira centrada no estudante. Mas foram unânimes em reforçar que o tempo levado para conquistar certos espaços é maior.

.Concepção a respeito do que se trata o dito sucesso escolar:

Paulo, durante as observações realizadas nos dias 09/03 e 14/03/2017 em duas diferentes escolas, demonstrou que entende por Psicologia Institucional, uma atuação pautada nos momentos de estudos com os docentes e participações ativas nos momentos coletivos das unidades de ensino. A promoção do dito sucesso escolar perpassa pela capacitação de todos os colaboradores da instituição.

A ideia do que é sucesso escolar deve ir além do desempenho acadêmico de um estudante. Quando há preocupação com desenvolvimento humano percebe-

se que a aprendizagem é um processo contínuo e que a convivência com o outro auxilia a sistematizar o conhecimento. Essa complexidade envolve momentos de reflexão e avaliação sobre a própria atuação frente aos conceitos de aprendizagem, ensino, desenvolvimento e inclusão.

5.3- Potencialidades do trabalho itinerante.

Os profissionais também trouxeram suas compreensões a respeito do que eles consideravam potencialidades na itinerância. Conhecer e perceber essas potencialidades foi o terceiro objetivo da pesquisa, uma vez que as limitações foram devidamente colocadas e percebidas nas entrevistas e observações. Mas o que se pode tirar de aprendizado na itinerância? Quais habilidades o profissional pode desenvolver e aprimorar nessa forma de atuação?

.A itinerância como uma aliada na busca de novos aprendizados e a possibilidade de contato com diferentes contextos:

“Na itinerância, o profissional tem contato com diferentes realidades e pessoas, repertoriando de maneira mais intensa as habilidades, em especial quanto à criatividade para superar desafios diferentes em cada escola” (ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA, PAULO, 13/03/2017).

Paulo salientou nas observações e durante as entrevistas que uma potencialidade da itinerância, no seu entendimento, é a possibilidade de encontro com contextos educacionais diferenciados, além de outras concepções teóricas e práticas, o que pode tornar sua atuação mais diversa e plural frente às intervenções em cada escola.

O posicionamento do profissional é pertinente, pois, a itinerância traz uma diversidade de informação que pode auxiliar no aumento do repertório do profissional diante das demandas que surgem nas instituições. Há diferentes realidades, comunidades com culturas plurais, posicionamentos teóricos dos profissionais de cada escola e dos parceiros de equipe-os pedagogos- que possibilitam que o psicólogo estude as correlações entre elas e levante estratégias de atuação mais adequadas a cada escola.

A profissional Ana Maria seguiu uma linha de raciocínio parecida com a de Paulo no que se refere às possibilidades exitosas do trabalho itinerante:

“Há uma riqueza de experiências. É o fato de aprender coisas diferentes em cada escola e poder levar as ideias de uma para a outra. O universo de redes se amplia, pois é possível conhecer mais pessoas e mais formas de trabalhar” (ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA, ANA MARIA, 27/03/2017).

Ana Maria demonstrou, na observação realizada também no dia 27/03/2017, que utiliza experiências de sucesso de uma escola em outra. Na ocasião, ela e a pedagoga itinerante da escola, planejavam a apresentação dos serviços da EEAA para o grupo de docentes e ambas trocaram informações a respeito do resultado em outras unidades de ensino, mas sem deixar de levar em consideração a particularidade dos grupos de cada escola.

Há em cada instituição uma riqueza de conteúdos e informações a ser explorada, essa pluralidade pode contribuir nas análises e intervenções dos profissionais da Psicologia Escolar, visto que o trabalho nas instituições prevê a atuação que privilegia a ressignificação das relações. Cada escola é um universo que instrumentaliza o profissional com sua diversidade de concepções e práticas educacionais (GURGEL, 2010; NUNES, 2016).

Ana Maria também mencionou a relevância do contato que a itinerância traz com diferentes dinâmicas de funcionamento, conceitos, visões de educação e estratégias pedagógicas. Realidades distintas proporcionam aprendizado e ampliam as possibilidades de atuação do profissional, mesmo regida por documentos e legislações padronizados, cada escola elabora e constrói suas práticas de acordo com a concepção de educação dos seus protagonistas e o psicólogo itinerante tem a oportunidade de conhecer essas concepções.

“Uma potencialidade é a possibilidade de aprendizagem e ampliação da visão, já que cada escola tem sua própria dinâmica” (ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA, CAMILA, 03/04/2017).

. O trabalho itinerante e a possibilidade do distanciamento saudável:

Ao falar das potencialidades da itinerância, Camila trouxe também a possibilidade de preservação da saúde emocional do profissional frente aos desafios da escola.

A principal potencialidade é a possibilidade de oxigenação, principalmente em situações de conflitos e enfrentamentos, quando o contexto na escola fica mais pesado. Nesses momentos, ausentar-se e afastar-se um pouco do contexto mais complicado ajuda a preservar o profissional e acalmar os ânimos para as intervenções futuras (ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA, CAMILA, 03/04/2017).

A fala de Camila trouxe importantes elementos sobre a oportunidade que a itinerância traz de preservar o profissional por alguns momentos das relações que adoecem e dos possíveis conflitos que se desenvolvem naquele âmbito, de maneira que oferece ao psicólogo mais tempo para elaborar estratégias de mediação e intervenção em determinada situação. Uma adequada mediação dos conflitos existentes na escola requer saúde emocional do profissional que se propõe a realizá-la, mas ao mesmo tempo exige vínculo e estratégias de intervenção que possam ir além da situação conflituosa em si. O que há por trás das relações? Quais os protagonistas do conflito existente? Afinal, se as relações são construções sociais, os conflitos também o são e isso requer uma observação atenta do psicólogo escolar. Esse profissional também deve auxiliar a desconstruir representações enraizadas nas práticas educativas da instituição de ensino (MARTINEZ, 2010).

A itinerância, na perspectiva da profissional Camila, proporciona tempo e espaço maiores de afastamento físico e mental de maneira que o psicólogo não se desgasta e possa elaborar instrumentos de intervenção e mediação de maneira mais adequada.

.Paradoxos da itinerância:

Na visão dos psicólogos entrevistados, ao mesmo tempo em que a itinerância limita a atuação dentro da perspectiva histórico cultural e da proposta da OP, por causar um distanciamento das relações existentes na escola e por requerer mais tempo para formação de vínculos com seus atores, ela também pode ampliar a instrumentalização teórica e prática do profissional, por ele entrar em contato com realidades distintas e relações institucionais diversas, o que pode auxiliá-lo a construir estratégias dentro do complexo processo de ensino e aprendizagem.

Os psicólogos mencionaram práticas exitosas, como momentos de estudos com os docentes, vínculos e parcerias com as comunidades, e mostraram suas tentativas de realização de um trabalho condizente com a proposta da

Orientação Pedagógica das equipes, mesmo diante dos desafios que eles relataram enfrentar no trabalho itinerante.

A formação continuada e o constante aperfeiçoamento de práticas e saberes é atribuição da equipe, conhecer os contextos de atuação, perceber as relações que movem aquele espaço e como elas se entrelaçam faz parte do trabalho institucional. Ao realizar o mapeamento o profissional também traz suas próprias concepções para construí-lo, sem deixar de levar em consideração as particularidades e complexidades de cada instituição e de seus educadores e protagonistas (GURGEL & MOLINA, 2013; BRASIL, 2010).

O contato que a itinerância proporciona com diferentes realidades ajuda na formação e construção de conceitos e concepções a respeito de inclusão, ensino e aprendizagem e desenvolvimento humano, ao mesmo tempo em que dificulta a convivência e o aprofundamento das relações interpessoais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo permitiu conhecer diferentes posicionamentos de três psicólogos itinerantes acerca de suas próprias atuações.

A pesquisa tinha como objetivo geral analisar o trabalho do psicólogo escolar itinerante das Equipes Especializadas de Apoio à Aprendizagem da SEDF, na visão de três profissionais atuantes. A autora do trabalho é psicóloga itinerante e percebe pouca fundamentação voltada para essa forma de atuação, inclusive nos documentos que norteiam o trabalho da equipe.

Houve menção à itinerância como um grande desafio para a formação de vínculos e parcerias e para a atuação institucional, mas ao mesmo tempo o reconhecimento das possibilidades exitosas desse trabalho. O distanciamento de certos contextos por um tempo pode auxiliar o profissional a estudar e trabalhar as próprias limitações para atuar de maneira significativa e com mais profundidade diante de determinado impasse teórico ou prático, visto que a saúde emocional do facilitador faz diferença na qualidade da mediação.

Nesse sentido, os psicólogos mostraram que a itinerância possui importante paradoxo, ao mesmo tempo em que ela colabora na demora da formação dos vínculos de maneira qualificada, o que torna a atuação dentro dos eixos da proposta da OP mais desafiadora, ela propicia contato com ambientes educativos diferenciados e seus atores, o que pode contribuir para o aprimoramento de habilidades e conhecimentos teóricos, práticos e interpessoais do psicólogo escolar diante das demandas das escolas.

Esse paradoxo demonstrou a complexidade do tema trabalhado na pesquisa; a itinerância e seus desdobramentos na atuação escolar da SEDF. O trabalho itinerante, nas concepções dos profissionais entrevistados, dificultou a atuação institucional, trouxe angústias conceituais e práticas aos profissionais, e ao mesmo tempo ofereceu a possibilidade de pequeno afastamento que preservou o psicólogo em alguns momentos nos quais ele precisou de mais espaço para adequar suas intervenções.

Os paradoxos são comuns na itinerância e são percebidos pela pesquisadora, inclusive na formação de vínculos, pois uma vez que se consegue

estabelecer parcerias nas escolas, não se torna uma tarefa fácil sair de uma instituição, mesmo que isso signifique diminuir o quantitativo de alunos. Ainda que os vínculos levem mais tempo de formação e estabelecimento, existe a possibilidade de se conhecer diversos protagonistas da educação, conseqüentemente entra-se em contato com as diferentes perspectivas e os posicionamentos de cada um deles, o que pode enriquecer a atuação profissional do Psicólogo Escolar.

A pesquisadora reconhece a limitação do presente estudo em termos de alcance de concepções, mas sugere que novos estudos que se proponham a abordar o tema da itinerância reconheçam os limites e potencialidades da mesma na busca de um equilíbrio dentro dessa modalidade de atuação.

Qual seria o cenário ideal? Diminuir o número de escolas por profissional? Acabar com a itinerância, tornando todo psicólogo escolar da SEDF fixo nas instituições? A atuação institucional do psicólogo escolar deveria ser repensada dentro da proposta itinerante? E as potencialidades da itinerância, como podem ser mais aproveitadas dentro do contexto escolar?

O trabalho oportunizou reflexão preliminar sobre um tema que carece de referenciais específicos. Nesse sentido, a presente especialização em psicopedagogia institucional foi fundamental para embasar de maneira adequada as colocações dos profissionais itinerantes da pesquisa, justamente por contemplar o trabalho institucional dentro da proposta da OP e abordar temas que vão de encontro ao trabalho do psicólogo escolar da SEDF.

As idiosincrasias de cada um dos profissionais entrevistados trouxeram à tona diversas angústias da pesquisadora, como os paradoxos da atuação itinerante e os desafios na construção e observação das complexas relações que configuram o processo de ensino e aprendizagem como um todo.

REFERÊNCIAS

- ABAID, J. L. W., DIAS, A.G.C., PATIAS, N.D. Psicologia Escolar e possibilidades na atuação do psicólogo: Algumas reflexões. **Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 18, n. 01, p. 105-111, 2014. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Naiana_Patias/publication/274842926_Psicologia_a_Escolar_e_possibilidades_na_atuacao_do_psicologo_algumas_reflexoes/links/552f06570cf2acd38cbbef40.pdf. Acesso em: 25 mar. 2017.
- ALENCAR, Eudes, FRANCISCHINI, Rosângela .Psicologia Escolar, que fazer é esse? In FRANCISCHINI R., VIANA. M. V. (ORGS). Psicologia e educação: Contribuições de Vigotski e Wallon. Brasília: CFP, 2016, p. 38-51.
- ARAÚJO, C. M.; ALMEIDA, S. F. C. **Psicologia escolar: construção e consolidação da identidade profissional**. Campinas: Alínea, 2005.
- ARAUJO, C.M. Psicologia Escolar: pesquisa e intervenção. **Em Aberto**, Brasília, v. 23, n. 83, p.17-35, 2010. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/246-84-PB.pdf>. Acesso em 24 abr. 2017.
- BARÓ, I. M. O papel do psicólogo. **Boletín de Psicologia UCA**, Costa Rica, n. 3, p.7-27, 1996. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/epsic/v2n1/a02v2n1.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2017.
- BOSSA, N. A. **Psicopedagogia**. Atta mídia educação/CEDIC: Belo Horizonte, s.d, 2009.
- BOSSA, N. A. **A psicopedagogia no Brasil**: contribuições a partir da prática. 4. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2011.
- BRASIL. Sinj DF. **Portaria 445/2016**. Disponível em: http://www.tc.df.gov.br/SINJ/BaixarArquivoNorma.aspx?id_norma=ae5e53c6e3b94979851cc82b1f03b04b. Acesso em: 10 abr. 2017.
- COLLARES, C. A. L.; MOYSÉS, M. A. Affonso. A transformação do espaço pedagógico em espaço clínico (a patologização da educação). **Série Idéias**, São Paulo, n. 23, p. 25-31, 1994. Disponível em: http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_23_p025-031_c.pdf. Acesso em: 05 abr. 2017.
- DAZZANI, M. VÍRGÍNIA, M. A Psicologia Escolar e a Educação Inclusiva: Uma leitura crítica. **Psicologia, Ciência e Profissão**, Bahia, n. 30, p. 362-375, 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932010000200011. Acesso em 02 abr. 2017.

DESSEN, M. A., POLONIA, A.C. A Família e a Escola como contextos de desenvolvimento humano. **Paidéia**, Brasília, n. 17, p. 21-32, Universidade de Brasília, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v17n36/v17n36a03.pdf>. Acesso em 02 mar. 2017.

GURGEL, P.C. **A avaliação psicopedagógica numa abordagem institucional**. Brasília: Faculdade JMJ, 2010.

GURGEL, P.C; MOLINA, M.A.R. **Dificuldades de Escolarização. Novo enfoque de atuação profissional**. Brasília: Kiron, 2013.

MARTINEZ, A.M. O que pode fazer o psicólogo na escola? **Em aberto**, Brasília, v. 23, n. 83, p. 39-56, p. 39-56, 2010. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/TCC%202017/Texto%20martinez.pdf>. Acesso em 24 abr. 2017.

NUNES, L.V. **Indicadores do perfil profissional do psicólogo escolar das Equipes Especializadas de Apoio à Aprendizagem da Secretaria de Educação do DF**. Dissertação (Mestrado em Psicologia)–Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

OLIVEIRA, M.K. **Vygotsky, aprendizado e desenvolvimento, um processo sócio histórico**. São Paulo: Scipione, 1999.

Orientação Pedagógica do Serviço Especializado de Apoio à Aprendizagem. Brasília: MEC/SEDF/BRASIL, 2010.

PRESTES, Zoia. **Quando não é quase a mesma coisa**. Traduções de Lev Semionovitch Vigotski no Brasil. São Paulo: Autores Associados LTDA, 2012, p. 9-48.

TANZAWA, E. C. L.; MARTINS, J. G. N.; BRENZAN, S. G. **Psicopedagogia institucional: passos para a atuação do assessor psicopedagógico**. Disponível em: https://www.inesul.edu.br/revista/arquivos/arg-idvol_13_1307132500.pdf. Acesso em: 03 mar. 2017.

VIANA, M.N. Psicologia Escolar, que fazer é esse? In FRANCISCHINI R., VIANA. M. V. (ORGS). **Interfaces entre a Psicologia e a Educação: Reflexões Sobre a atuação em Psicologia Escolar**. Brasília: CFP, 2016, p. 54-71.

VIGOTSKI, L.S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

VIOTTO, FILHO. Psicologia Histórico-Cultural: Contribuições para a ação do educador numa escola em transformação. **Educere et Educare**. Revista de Educação. n. 3, p. 49-68, 2007. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:EokWmNCMHhsJ:e-revista.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/download/654/546+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em 13 mar. 2017.

APÊNDICE A – Perguntas das entrevistas

- 1- Conte um pouco sobre como iniciou o trabalho na EEAA.
- 2- Qual o papel do psicólogo escolar dentro da sua visão?
- 3- Sempre trabalhou como itinerante?
- 4- Como você percebe esse papel (de psicólogo institucional) sendo estabelecido dentro da proposta itinerante?
- 5- Como você organiza sua rotina semanal nas escolas?
- 6- Na sua percepção como os servidores e professores das escolas que você atende enxergam o trabalho itinerante?
- 7- O que você entende por trabalho institucional?
- 8- Como você organiza o trabalho itinerante dentro da proposta da OP (mapeamento institucional, acompanhamento do processo de ensino e aprendizagem e assessoria coletiva) e da perspectiva histórico cultural?
- 9- Quais as possibilidades no trabalho itinerante na sua percepção?
- 10-O que você considera como desafios/limitações dentro da sua atuação em mais de duas escolas?
- 11-Quais suas concepções acerca de avaliação psicopedagógica, levando em consideração a atuação como itinerante?
- 12-Como você descreveria a formação de vínculos com os docentes e alunos na itinerância?

ANEXO A –

Modelo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE

“O trabalho institucional do Psicólogo Escolar itinerante.”

Instituição dos/(as) pesquisadores(as): Uniceub

Pesquisador(a) responsável: Professora orientadora: Raquel Santana

Pesquisador(a) assistente [aluno(a) de pós- graduação]: Sissa de Assis Passos Silva

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa acima citado. O texto abaixo apresenta todas as informações necessárias sobre o que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não lhe causará prejuízo.

O nome deste documento que você está lendo é Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Antes de decidir se deseja participar (de livre e espontânea vontade) você deverá ler e compreender todo o conteúdo. Ao final, caso decida participar, você será solicitado a assiná-lo e receberá uma cópia do mesmo.

Antes de assinar, faça perguntas sobre tudo o que não tiver entendido bem. A equipe deste estudo responderá às suas perguntas a qualquer momento (antes, durante e após o estudo).

Natureza e objetivos do estudo

- O objetivo específico deste estudo é Identificar as concepções de trabalho do psicólogo escolar da EEAA principalmente no que diz respeito aos desafios e possibilidades exitosas do trabalho itinerante.
- Você está sendo convidado a participar exatamente por ser psicólogo itinerante das Equipes Especializadas de Apoio à aprendizagem.

Procedimentos do estudo

- Sua participação consiste em participar de entrevista semiestruturada e observação sistemática realizada pelo pesquisador.
- Não haverá nenhuma outra forma de envolvimento ou comprometimento neste estudo.
- A pesquisa será realizada na instituição de ensino de atuação do profissional.

Riscos e benefícios

- Medidas preventivas serão tomadas durante a pesquisa, está garantida a confidencialidade dos participantes e das instituições de ensino.
- Caso esse procedimento possa gerar algum tipo de constrangimento, você não precisa realizá-lo.
- Com sua participação nesta pesquisa você poderá mostrar suas concepções acerca de sua própria atuação como psicólogo escolar itinerante, além de contribuir para maior conhecimento sobre os desafios e potencialidades do trabalho.

Participação, recusa e direito de se retirar do estudo.

- Sua participação é voluntária. Você não terá nenhum prejuízo se não quiser participar.
- Você poderá se retirar desta pesquisa a qualquer momento, bastando para isso entrar em contato com um dos pesquisadores responsáveis.
- Conforme previsto pelas normas brasileiras de pesquisa com a participação de seres humanos, você não receberá nenhum tipo de compensação financeira pela sua participação neste estudo.

Confidencialidade

- Seus dados serão manuseados somente pelos pesquisadores e não será permitido o

acesso a outras pessoas.

- Os dados e instrumentos utilizados ficarão guardados sob a responsabilidade de __ Sissa de Assis com a garantia de manutenção do sigilo e confidencialidade, e arquivados por um período de 5 anos; após esse tempo serão destruídos.
- Os resultados deste trabalho poderão ser apresentados em encontros ou revistas científicas. Entretanto, ele mostrará apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar seu nome, instituição a qual pertence ou qualquer informação que esteja relacionada com sua privacidade.

Se houver alguma consideração ou dúvida referente aos aspectos éticos da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília – CEP/Uniceub, que aprovou esta pesquisa, pelo telefone 3966.1511 ou pelo e-mail cep.uniceub@uniceub.br. Também entre em contato para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo.

Eu, _____ RG _____, após receber a explicação completa dos objetivos do estudo e dos procedimentos envolvidos nesta pesquisa concordo voluntariamente em fazer parte deste estudo.

Este Termo de Consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida ao senhor(a).

Brasília, ____ de _____ de _____.

Participante

Raquel Santana, celular 981147651

Sissa de Assis Passos Silva, 98177-7640/sissassis88@hotmail.com

Endereço dos(as) responsável(eis) pela pesquisa (OBRIGATÓRIO):

Instituição: Uniceub

Endereço: SEPN, Asa Norte 707/907

Bloco: /Nº: /Complemento:

Bairro: /CEP/Cidade: Asa Norte

Telefones p/contato:3966-1200

Acrescente ao TCLE de sua pesquisa as informações abaixo caso sejam necessárias.

Endereço do(a) participante (a)

Domicílio: (rua, praça, conjunto):

Bloco: /Nº: /Complemento:

Bairro: /CEP/Cidade: /Telefone:

Ponto de referência:

Observações em relação as pesquisas com metodologias experimentais na área biomédica, envolvendo seres humanos

O TCLE deve incluir:

- a) a explicitação, quando pertinente, dos métodos terapêuticos alternativos existentes;
- b) o esclarecimento, quando pertinente, sobre a possibilidade de inclusão do participante em grupo controle ou placebo, explicitando, claramente, o significado dessa possibilidade.

O TCLE não pode exigir do participante da pesquisa, sob qualquer argumento, renúncia ao direito à indenização por dano. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido não deve conter ressalva que afaste essa responsabilidade ou que implique ao participante da pesquisa abrir mão de seus direitos, incluindo o direito de procurar obter indenização por danos eventuais.

Contato de urgência: Sr(a).

Domicílio: (rua, praça, conjunto)

Bloco: /Nº: /Complemento:

Bairro: /CEP/Cidade: /Telefone:

Ponto de referência: